

## **A IMPRENSA ALTERNATIVA DIGITAL: SENTIDOS E EFEITOS DE INDEPENDÊNCIA (PRODUÇÃO/MANUTENÇÃO DA AUTOIMAGEM)**

Alexandre Sebastião Ferrari Soares<sup>1</sup>

Estou considerando imprensa alternativa, um conjunto de meios digitais de comunicação que viabiliza o desenvolvimento de uma forma de jornalismo que redefine o *status* do político no jornalismo. Isso só é possível porque diferentes tomadas de posição se fazem presentes a partir de filiações discursivas/ideológicas a outras redes de memória.

E imprensa tradicional, é aqui entendida como aquela “que possui condições privilegiadas de circulação e, conseqüentemente, ampla representatividade em nossa formação social, por decorrência de seu poderio político-econômico” (Dela-Silva, 2018, p. 276).

A palavra “alternativa” de origem latina, do particípio de *alternare* (fazer uma coisa, depois outra) aparece no dicionário eletrônico Houaiss (2001) como algo que se contrapõe a interesses ou tendências. Corresponde também ao que não está ligado a política dominante, a uma de duas ou mais possibilidades pelas quais se pode optar, a opção entre duas coisas reciprocamente excludentes; a única saída para uma situação difícil, a um sistema de duas ou mais proposições em que a verdade de uma implica a falsidade das outras.

É importante destacar como a denominação<sup>2</sup> “alternativa/alternativo” circula nos dicionários como algo que se *contrapõe a interesses* ou tendências: como se o alternativo não estabelecesse vínculos/filiações discursivas/filiações políticas/econômicas. E como “*a contraposição a interesses*” vai colocando tudo aquilo que incorpora o *alternativo* fora, em termos de formação imaginária, e à margem do político. Ou seja, dizer-se alternativo/a evoca uma memória discursiva em nossa formação social sobre aquilo que se vincula a essa denominação.

Além disso, ser alternativo, no dicionário, corresponde ao que *não* está ligado à política dominante: essa filiação colocaria alguns meios de comunicação fora do escopo alternativo uma vez que a política dominante se filiaria aos grandes meios de comunicação, segundo uma das acepções do verbete.

Grinberg (1987, p. 19) defende que apesar de a designação/denominação “comunicação alternativa” ter sentidos muito variados e parecer imprecisa em um primeiro momento, define uma “busca de canais para um discurso que deve circular à margem da comunicação de massa”, considerando que não se

---

<sup>1</sup> Professor Doutor Associado, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, bolsista de produtividade PQ2.

<sup>2</sup> “Denominar não é apenas um aspecto do caráter de designação das línguas. Denominar é significar, ou melhor, representa uma vertente do processo social de produção de sentidos. O processo de denominação não está na ordem da língua ou das coisas, mas organiza-se na ordem do discurso, o qual, lembrando mais uma vez, consiste na relação entre o linguístico e o histórico-social, ou entre a linguagem e exterioridade” (MARIANI, 1998, p.118).

trata de “uma alternativa aos media como tais, mas enquanto instrumentos do poder” (Grinberg , 1987, p. 19-20).

O sentido posto em Grinberg (1987) reforça o que circula no dicionário sobre a filiação ao dominante: a oposição estaria no que se põe, como alternativo, aos “instrumentos de poder”, ou seja, na filiação à política dominante.

Indursky (2017) nos diz que nos espaços digitais, no quais os grandes jornais também se fazem presentes, no entanto, produzindo sentidos cristalizados, abre-se a possibilidade para o surgimento de uma imprensa alternativa que acolhe outros modos de se relacionar com a ideologia dominante.

Segundo ainda a autora, essa apropriação das mídias eletrônicas pelo jornalismo alternativo vem resgatar o efeito de sentido de *liberdade de expressão*, banido há tempo das mídias tradicionais. É possível afirmar, diante disso, que as mídias eletrônicas em circulação na internet, ao contrário das tradicionais, constituem um espaço bastante heterogêneo, assim como são heterogêneas as materialidades que nela circulam (Indursky, 2017).

Na mídia eletrônica, diferentes tomadas de posição encontram espaço para inscrever-se. A heterogeneidade destacada por INDURSKY surge não só por parte daqueles que produzem essas materialidades, mas também por parte daqueles que as leem, comentam e compartilham (Indursky, 2017).

As mídias alternativas **ajudam a abalar o efeito de verdade produzido pela mídia tradicional**. Desse modo, dá-se um desencontro entre interpretações, **dissolve-se**, pelo menos em parte, **o efeito de consenso**, deixando à mostra diferentes “**gestos de leitura**” decorrentes de diversas formas de relacionamento com a ideologia. Esse embate se dá em “**espaços polêmicos** de maneira de ler” o político que a internet propicia (Indursky, 2019, p. 31, negritos nossos).

Creio que em termos gerais, as mídias alternativas abalam como nos diz a autora o *efeito de verdade* produzido pela mídia tradicional e dissolvem em parte o efeito de consenso. Mas há algo que é próprio do discurso jornalístico e que esbarra nesse funcionamento: pelo menos nos meios de comunicação alternativos digitais nos quais venho selecionando material para análise, *o efeito de verdade* me parece muito presente naquilo que esta imprensa produz, sobretudo porque a língua funciona também para a mídia alternativa como meio de comunicação.

Os processos de significação antagônicos, ao serem tecidos de forma dispersa e fragmentada entre diversos espaços midiáticos, apontam para diferentes “gestos de leitura” do político (Pêcheux, 1994, p. 56) e indicam que entre as mídias tradicionais, de um lado, e as mídias alternativas eletrônicas, de outro, são produzidos “espaços polêmicos de maneiras de ler” esse político (Pêcheux, 1994, p. 57).

Dito de outra forma: as mídias tradicionais selecionam aquilo que podem e não devem publicar produzindo um efeito de *verdade* uma vez que controlam os sentidos, enquanto as mídias alternativas oferecem um espaço digamos mais diversos, abrindo um lugar para diferentes tomadas de posição (Indursky, 2019).

Peruzzo (2009) nos diz que para um meio de comunicação ser designado/denominado *alternativo* ele deve ser transformador, ou seja, para o autor os elementos principais estão nos processos e nas práticas sociais, nas relações que estabelecem e não no tipo de veículo, nem em outro funcionamento qualquer (linguagem, propriedade, formato) tomado isoladamente. O que importa é um conjunto de práxis e os sentidos que têm para a comunidade (Peruzzo, 2009, p. 140).

Ainda que esta apresentação não seja sobre a designação/denominação *alternativa*, mas sobre o funcionamento dos meios de comunicação nesses espaços digitais, há um efeito de oposição (um *já-lá* dito antes e em outro lugar) que se instala tanto sobre a mídia alternativa que funciona “sempre” a partir de um embate com a grande mídia quanto sobre as mídias tradicionais que nesse funcionamento dos discursos jornalísticos produzem consenso.

Por um lado, a mídia tradicional é um espaço de hegemonia, monofonia, controle dos sentidos, contenção da polissemia, do lugar do agente único (aquele que tem o poder de dizer), do discurso autoritário (uma vez que não se dá a palavra), por outro, a imprensa alternativa um lugar de resistência ao consenso, ao hegemônico, um lugar com variedade de vozes, um espaço com filiações discursivas e ideológicas outras, um espaço polissêmico etc.

Kucinski (1991) atribui a existência da mídia alternativa mais como um contraponto que substituição da grande imprensa. Isso porque a mídia alternativa, segundo o autor, é pautada pela grande mídia, conferindo novo enfoque à notícia, a partir de técnicas específicas, como “[...] os informantes ouvidos em *off*, a orientação oposicionista da análise e da interpretação, e o posicionamento ideológico e político diante do assunto tratado” (Abramo, 1988, p. 2). Funciona no movimento “contra-hegemônico” e precisa da grande mídia para existir.

Há esse funcionamento: dizer de um outro lugar discursivo, desconstruir os sentidos naturalizados/cristalizados nos grandes meios de comunicação, mostrar que é possível dizer *sobre* produzindo outros sentidos.

As mídias alternativas não se diferenciam mais apenas pelo modelo de negócio. O que as diferenciam são os *conteúdos*. Trata-se de uma articuladora dos anseios e pautas originárias dos movimentos populares (pelo menos em tese), que se constroem numa audiência ativa num espaço horizontal e aberto, utilizando os meios como mobilização em si (Downing, 2002).

No entanto, também em partes, as mídias alternativas não se colocam o tempo todo e em tudo em oposição à grande imprensa e o contrário também é recorrente: nem sempre a grande mídia vai produzir notícias que naturalmente são rejeitadas pela mídia alternativa.

É possível, portanto, em publicações específicas que circulam tanto na grande imprensa quanto na imprensa alternativa perceber que as filiações discursivas/ideológicas desses meios de comunicação estão longe de produzir efeitos de oposições/independência. Ao contrário, juntas, nesse funcionamento do

discurso jornalístico, reforçam os efeitos de *verdade*, *consenso*, *hegemonia* naturalizando aquilo que colocam em circulação.

Selecionei uma matéria de cada um dos meios de comunicação alternativos, a saber *Brasil 247* e *Diário do Centro do Mundo* e duas matérias do jornal *O Globo* (representando aqui a grande mídia) para mostrar o que chamei no título deste artigo de efeito de independência<sup>3</sup>. As matérias selecionadas foram publicadas primeiramente no jornal *O Globo* e posteriormente foram “reproduzidas” pelos meios de comunicação já referidos acima.

A hora da publicação (presentes nas matérias publicadas e nas sequências discursivas abaixo) já nos indica sítios de significância a respeito dessa “reprodução” a que me refiro no parágrafo anterior. Nos meios de comunicação alternativo, nada se diz sobre a fonte dessas notícias: elas circulam tanto no *Brasil 247* quanto no *Diário do Centro do Mundo* como se fossem (e)feitos desses meios de comunicação.



**SD1** - Três pessoas presentes à reunião ministerial disseram que Bolsonaro ouviu apelos para que admitisse a derrota e iniciasse a troca de governo. Os pedidos vieram sobretudo da “ala civil”. Já a ala militar — comandada pelo general Walter Braga Netto — aconselhou o então presidente a não se manifestar em relação à derrota enquanto não ficasse pronto um relatório das Forças Armadas sobre fiscalização nas urnas eletrônicas. (*O Globo*. Publicada por Augusto de Souza. 04/11/2023, 7h45).

<sup>3</sup> Por falta de uma denominação mais adequada no momento de pensar o título deste texto, *independente* me pareceu mais precisa, mas no decorrer da produção deste artigo, acho que *autoimagem*, *autossuficiente* seriam mais apropriadas.



**SD2** - Enquanto a “ala civil” insistia que o derrotado nas eleições deveria admitir a derrota e iniciar a transição de governo, a “ala militar”, liderada pelo general Braga Netto, aconselhava o ex-presidente a esperar um relatório das Forças Armadas sobre a fiscalização das urnas eletrônicas. (*Diário do Centro do Mundo*. Publicada por Augusto de Souza. 04/11/2023, às 7h57)



**SD3** - A Polícia Federal (PF) conseguiu recuperar os cerca de 30 acionamentos de monitoramento ilegal realizados por agentes da Agência Brasileira de Inteligência (Abin) para rastrear a movimentação de adversários políticos, críticos, opositores, jornalistas e até ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) durante o governo Jair Bolsonaro (PL). “O material foi recuperado e agora os peritos estão em pleno trabalho de identificar o extenso material. Ou seja, identificar os proprietários dos números de telefone monitorados. A área técnica da PF estima que esse trabalho de tabulação e organização leve cerca de 30 dias para ser concluído”. (*Brasil 247*, 04/11/2023, 10h59).



**SD4** - A PF conseguiu “resgatar” os cerca de 30 mil acionamentos realizados por agentes da Abin com a ferramenta que permitia monitorar políticos, jornalistas e advogados durante o governo Bolsonaro e que foram apagados. O material foi recuperado e agora os peritos estão em pleno trabalho de identificar o extenso material. Ou seja, identificar os proprietários dos números de telefone monitorados. A área técnica da PF estima que esse trabalho de tabulação e organização leve cerca de 30 dias para ser concluído. (**O Globo**, 04/11/2023, 9h).

É possível diante dos recortes apresentados, perceber que além de pautar a imprensa alternativa, a grande imprensa diz o que é notícia. No imaginário sobre a circulação dos meios de comunicação, me parece que é mais comum pensar que a imprensa alternativa e digital pautar a grande imprensa (e é possível que seja em alguns casos específicos e de maior repercussão), mas nessas sequências discursivas/imagéticas não é a regra.

A imprensa alternativa não funciona apenas como aquela que contrapõe os sentidos que circulam na grande mídia: em algumas vezes há um Ctrl + C, Ctrl + V funcionando na produção dessas publicações.

Ainda é possível dizer a partir dessas ocorrências que as formações discursivas em determinadas publicações não são antagônicas. Ao contrário, servem os meios de comunicação que juntos produzem e reforçam, como já mencionei, o efeito de hegemonia, de consenso, o efeito de verdade, de neutralidade, de objetividade, de monofonia, porque controlam os sentidos, contém a polissemia, partem do agente único, do discurso autoritário etc.

A contradição que se manifesta através do cruzamento de diversos discursos que mantém relações de delimitação recíproca de uns com os outros ou, como afirma Courtine (2014), em uma articulação contraditória de formações discursivas que se referem a formações ideológicas antagônicas não se faz presente nessa apropriação do discurso (da grande imprensa pela imprensa alternativa).



No entanto, é contraditório, em princípio, que possa circular na imprensa alternativa e digital os sentidos que circularam na grande mídia de forma tão natural, pelo menos teoricamente.

Sobre esse funcionamento específico de circulação dos sentidos (um copia e cola) da grande imprensa pela imprensa alternativa nos aponta para os sentidos de “independência” (liberdade, autossuficiência, autonomia, autoimagem) muito mais presentes em um imaginário sobre o funcionamento do discurso jornalístico alternativo digital do que naquilo que circula propriamente nesses meios de comunicação.

Essa formação imaginária produz gesto de interpretação que realizamos do discurso jornalístico alternativo e da mídia tradicional, pelo menos em parte dele.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Perseu. Imprensa alternativa: alcance e limites. **Revista Tempo e Presença**, Rio de Janeiro, n. 233, p. 15-16, ago. 1988.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos, EdUFSCar, 2014.
- DELA-SILVA, Silmara. Da resistência aos discursos da/na mídia: sobre eventos e páginas no Facebook. *In*: SOUSA, L. M. A. *et al.* (org.). **Resistirmos, a que será que se destina?** São Carlos: Pedro & João Editores, 2018. p. 273-295.
- DOWNING, John D. H. **Mídia radical**: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: SENAC São Paulo, 2002.
- GRINBERG, Máximo Simpson. **A comunicação alternativa na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- HOUAISS. Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2001
- INDURSKY, Freda. O momento político brasileiro e sua discursivização em diferentes espaços midiáticos. *In*: FLORES, G. B. *et al.* (org.). **Análise do discurso em rede**: Cultura e Mídia. Vol. 3, Campinas, SP: Pontes, 2017.
- KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Scritta, 1991.
- MARIANI, Bethania; DELA SILVA, Silmara. Discurso político: processo de significação em tempos de *fake news* – uma entrevista com Freda Indursky. **Cadernos de Letras UFF**, Niterói, v. 30, n. 59, p.13-31, 2019.
- MARIANI, Bethania. **O PCB e a Imprensa** - Os comunistas no imaginário dos jornais 1922-1989. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1998.
- MARIANI, B. Discurso e instituição: a Imprensa. **Rua**, Campinas, n. 5, p. 47-61, mar. 1999.
- PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 17, p.131-146, jun. 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/2108>. Acesso em: 1 nov. 2023.